



**"LEVAR A VIDA NORMAL COMO TODO MUNDO":  
A DÍVIDA ENTRE FILHAS E MÃES**

*"Lead a normal life like everyone": the debt between daughters and mothers*

Laura Arruda de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente ensaio tem como objetivo expandir reflexões sobre a relação entre mães e filhas, especialmente a rejeição a partir da quebra de expectativa perante a sexualidade da filha. A partir de exemplos de obras da literatura contemporânea e da análise do discurso de linha francesa, argumenta-se sobre como a construção do discurso do "amor materno incondicional" e como algumas das expectativas maternas são consoantes ao patriarcalismo e capitalismo.

**Palavras-chave:** sexualidade, maternidade, amor, patriarcalismo, capitalismo.

**ABSTRACT**

This essay aims to expand reflections on the relationship between mothers and daughters, especially the rejection based on the breach of expectations regarding the daughter's sexuality. Based on examples of works of contemporary literature and the analysis of the French line of discourse, it is argued about how the construction of the discourse of "unconditional maternal love" and how some of the maternal expectations are consonant with patriarchy and capitalism.

**Key-words:** sexuality, maternity, love, patriarchy, capitalism.

*Tenho certeza de que existe um espesso muro invisível entre nós duas. Deve ser por isso que, por mais que eu grite, minha voz não chega ao outro lado. (Sobre minha filha, HYE- JIN, Kim, 2022)*

Enquanto sociedade ocidental, estamos impregnados de moralismos quando o assunto é maternidade. Entre todos os assuntos polêmicos possíveis, o amor e o instinto

---

<sup>1</sup> UNICAMP. E-mail: lauraarrudadeoliveira@gmail.com  
CADERNOS PET, V. 14 , N. 27



materno mantêm-se intocáveis como instituições inquestionáveis coletivamente, porém em não todas as circunstâncias individuais. Casos de mães que abandonam seus filhos são noticiados num tom sensacionalista, como se a única explicação plausível para tal comportamento fosse o diagnóstico de alguma patologia. Quase como um consenso, replicado exaustivamente, toda mãe ama seus filhos incondicionalmente e faz tudo por eles sem esperar nada em retorno. Porém, repetir esta máxima mil vezes não a torna uma verdade.

Há extensa bibliografia que explica como o cuidado com os filhos não era instintivo para seres humanos. Iaconelli (2012)<sup>2</sup> traça uma linha do tempo com exemplos em diferentes etnias e épocas sobre como lidamos com crianças e comprova que ter um filho passa por uma reflexão racional e inserida em um determinado contexto, pode tornar uma mulher mais ou menos inclinada à ideia. Badinter (1985)<sup>3</sup>, em *O mito do amor materno* já questionava o instinto materno apoiando-se em documentos históricos que comprovam uma conduta radicalmente diferente da atual no cuidado com crianças. A ausência da categoria de infância durante o medievo, por exemplo, demonstra que as crianças eram vistas como "pequenos adultos" depois do desmame (se chegassem vivas até esta fase, visto que muitas morriam quando eram entregues a amas de leite e estavam sujeitas a diversas doenças). Com a ascensão da burguesia e o desenvolvimento do capitalismo já na Idade Moderna, iniciou-se uma campanha para que as mães amamentassem seus filhos e cuidassem de forma mais próxima, transformando paulatinamente o discurso para o que vigora fortemente hoje. A campanha médica iniciada em 1760 (BADINTER, 1985) foi eficaz ao ponto de transformar a rejeição materna durante a infância em uma patologia, uma exceção.

Porém, a rejeição materna não precisa ser escrachada em um caso de abandono infantil, muito menos estar relacionada a um tipo de transtorno psicológico para justificar a ausência emocional. Cada história é única, mas o que há de fio comum em várias narrativas sobre rejeição é a quebra de expectativas. No caso da maternidade, é interessante olhar sobre como o abandono opera demonstrando a inexistência do instinto

---

<sup>2</sup> IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. 2012. 130 f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.. São Paulo, 2012.

<sup>3</sup> BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



materno e lidamos com o que é uma mãe ideal na sociedade capitalista atual e o que se espera dela e de seus filhos.

No que tange pessoas dentro da comunidade LGBTQIA +, encontrar histórias de desacolhimento familiar não é difícil. Dentro da literatura, autoras como Lygia F. Telles (1995)<sup>4</sup> no conto "Uma branca sombra pálida" e Fatima Daas (2022<sup>5</sup>) com o livro *A última filha* lidam com a dificuldade que mães e pais encontram em aceitar seus filhos, o que leva a um desgaste e/ou rompimento da relação. O recorte que gostaria de me debruçar nos próximos parágrafos é como esse tipo de rejeição permeia, especificamente, mães e filhas, um tema ainda pouco explorado. Fazer uma distinção entre filhas e filhos se torna importante pois as expectativas maternas são diferentes para cada gênero. O que é convencionalizado como sucesso para uma mulher é diferente do que é o sucesso esperado para um homem e fazer essa distinção é importante para compreender como a rejeição materna opera.

Afinal, o que é uma mãe bem sucedida atualmente? Não deixarei de apontar que sucesso é um conceito que depende da subjetividade de quem fala, mas aqui, refiro-me à memória discursiva como conceituada por Pêcheux (2014) sobre o sucesso dentro de uma sociedade capitalista e em um país do Sul Global. O reforço cultural, as perguntas e expectativas pairam em torno de casamento, filhos e um trabalho estável. Já sabemos que a ênfase no trabalho de criação dos filhos costuma ser atribuído à mãe. Atrelado ao escopo em que deve criar uma criança para um mundo em que ela poderá estudar, trabalhar, casar e ter filhos. É essa a memória discursiva sobre sucesso, é isso que somos ensinados a almejar ter. A mãe bem sucedida é, então, quem os filhos têm esse destino.

No caso de filhas, ser mãe é um imperativo. Nós ganhamos bonecas, fomos postas ao lado de meninos inquietos durante as aulas para acalmá-los, fomos ensinadas a servir, limpar e cozinhar. Existe uma cartilha repleta de exemplos sobre como a expectativa da maternidade permeia a vida de mulheres. Para ser mãe, dentro de uma cultura fortemente influenciada pelo catolicismo e capitalista, é preciso casar. Com um homem. E isso é percebido socialmente como bem sucedido (BEAUVOIR, 2016; MENDES, 2017, FARIAS, 2021).

---

<sup>4</sup> TELLES, Lygia Fagundes. **A noite escura e mais eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>5</sup> DAAS, Fatima. **A última filha**. Tradução: Cecilia Schuback. 1º. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.



Ser bem visto socialmente é algo que oportuniza algumas coisas dentro da sociedade: contatos, trabalho, que por sua vez é um passo importante em direção a uma vida financeira estável. Isso não seria tão importante se não estivéssemos falando de um país em que o rendimento médio mensal da população, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios feita pelo IBGE<sup>6</sup> em 2022, era R\$2.533,00. A ascensão e o respeito dentro da sociedade estão intimamente ligados ao capital acumulado. É essencial para a maior parte da população, garantir que seus filhos então sejam bem sucedidos para que sobrevivam no futuro.

Então, se é preciso casar, ter filhos e estabilizar-se financeiramente (não necessariamente nesta ordem) para *ter sucesso* na vida, ter qualquer relacionamento estável com outra mulher é algo que, dentro da sociedade brasileira atual, supostamente inviabilizaria o sucesso. É óbvio que existem inúmeras alternativas para um casal de mulheres (e homens) terem filhos, casarem-se e terem um emprego, mas isso ainda não está inscrito na memória discursiva quando pensamos em pessoas LGTQIA+.

Focando nas mulheres cis, não se casar ou não se relacionar com homens seria então fechar a porta para o dever familiar de cuidado (e porque não para a maternidade?), como se fora da configuração idealizada e heterossexual de vida, nada disso fosse possível. Aqui, penso em qual medida os discursos sobre maternidade ideal permeiam o pensamento das mães e como ter uma filha em um relacionamento com uma mulher pode desmontar a idealização construída. Os efeitos de frustrar essa idealização variam de acordo com a história de cada um, do contexto sociocultural que isso ocorre. No Brasil, onde ainda a cultura patriarcal impera fortemente, as implicações dessa quebra podem ser percebidas como um tipo de falha materna. Essa mãe, por sua vez, tanto se dedicou para criar e cuidar de uma filha que, por fim, viverá fora do espectro heteronormativo.

Para discorrer sobre isso, meu ponto de partida é o livro *Sobre minha filha*, de Kim Hye-jin, publicado originalmente em 2017 e no Brasil em 2022. A autora nos apresenta o ponto de vista de uma mãe sobre sua relação com sua filha lésbica.<sup>7</sup> Apesar

---

<sup>6</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rendimento de todas as fontes.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

<sup>7</sup> Ainda que haja diversas nuances e violências sofridas por outras pessoas e, especialmente, mulheres que se identifiquem de outra forma dentro da comunidade LGTQIA+, o recorte analisado aqui considera mulheres em um relacionamento com outra mulher e como estão sujeitas a serem lidas socialmente.

No caso de mulheres lésbicas, não há espaço para corresponder a heteronormatividade de forma alguma forma, visto que não se relacionam com homens. Acerca de mulheres bissexuais, ainda que sofram com

CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



da história do livro se passar na Coreia do Sul e de ser uma ficção, o que está relatado corresponde a um discurso que encontra-se fora das páginas. A obra literária é produto também de um determinado contexto cultural, que neste caso extrapola a ideia de nação, e busca representar uma situação que carece de espaço.

O livro traz a angústia de uma mãe sexagenária em relação ao seu trabalho e sua filha lésbica, que volta a casa de infância com uma namorada e sem dinheiro para pagar o próprio aluguel. Os custos de vida cada vez mais altos e a desvalorização profissional são pontos que assombram ambas, além da própria relação das duas. A intimidade caseira desvela diálogos cruéis entre ambas, onde a mãe revela sua insatisfação com a situação da filha, além de pensamentos íntimos sobre sentir-se culpada por ter deixado a filha estudar demais, se perguntar em que pode ter errado para que a filha tenha seguido um caminho diferente aos seus olhos, e a raiva por sentir que seu esforço materno em vão.

Não desejo simplificar as diferenças culturais entre dois países, mas chamar atenção para como algumas angústias nessa situação são parecidas. Dois recortes estão operando para construir esse raciocínio: o gênero (mães e filhas) e a classe trabalhadora que pertencem e por isso suas subjetividades são permeadas mais fortemente pelo discurso capitalista sobre sucesso. “Estou cansada de ouvir suas besteiras. Não sei o que você ainda tem a dizer para me machucar, mas eu também tenho direitos. Tenho o direito de ver minha filha, que criei com tanto sacrifício, viver normalmente, levar uma vida normal como todo mundo”. (HYE-JIN, Kim, 2022, p. 48)<sup>8</sup>.

No trecho, as personagens discutem o envolvimento da filha em manifestações contra a demissão de um professor gay em uma das universidades de Seoul. Do trecho, gostaria de destacar as palavras *direito* e *vida normal*.

É interessante pensar no quanto o uso da palavra *direito* exprime como o amor materno não é incondicional, é esperado que a filha retorne em algo para essa mãe. Essa dívida é a que é impossível de ser paga, visto que estamos falando de algo difícil de mensurar. A dedicação pode ser percebida de formas diferentes e em medidas diferentes, sem uma régua classificatória. O que a mãe cobra da filha, no livro, é que a faça sentir

---

opressões variadas, apagamentos e estereótipos, é justamente a partir do apagamento e a invalidação sofrida que se abre a possibilidade de uma "aceitação arbitrária" quando estão se relacionando com homens, o que implica em uma validação social maior a partir dessa configuração.

<sup>8</sup> HYE-JIN, Kim. **Sobre minha filha**. Tradução: Hyo Jeong Sung. 1º. ed. São Paulo: Fósforo, 2022.



orgulho, algo impossível ao levar em conta sua sexualidade, além da falta de trabalho estável, situando-se fora da *normalidade*.

A partir dessas falas e da própria rejeição à filha, a mãe tenta imputar uma culpa por ela ser como é, assim como demonstra investigar constantemente se é culpada por sua filha ser lésbica como no trecho a seguir: “Por um lado penso que os erros da minha filha são meus. Por outro, que são decisões tomadas por uma adulta de mais de trinta anos. Todos esses pensamentos se chocam, trincando e fazendo muito barulho”.(HYE-JIN, Kim, 2022, p. 33)

Destrinchar a culpa na maternidade é um tema interessante, mas aqui me concentro em como essa culpa é partilhada pelas duas. A faca de dois gumes é que a mãe se amarga pela distância, sente-se culpada por supostamente ter falhado como mãe, enquanto a filha sofre com o afastamento emocional e com a pressão imputada por sua mãe.

É preciso direcionar o olhar para o lugar de onde essa culpa vem, buscando entender o porquê mães e filhas têm um relacionamento tão estreito com o sentimento. Para Simone de Beauvoir (2016), a mãe projeta a si mesma em sua filha e no momento que a filha se afirma como outra pessoa que há o conflito. Mais do que identificar a filha com alteridade, que é um processo vivenciado por mães e suas filhas em geral, vale lembrar que, no caso em questão neste ensaio, essa diferença implica em uma diferenciação mais aguda, que não dará espaço para que a filha repita as experiências de sua mãe como cuidadora, esposa com o mesmo status social, o que causa um rompimento ainda maior.

Como, então, que as filhas poderiam “pagar” as suas mães? Eliminar essa dívida? Para responder a isso, torno a olhar para a memória discursiva sobre maternidade e sucesso sob a ótica de Adrienne Rich (1986) quando diz que

Toda mãe deve entregar seus filhos nos primeiros anos de vida para o sistema patriarcal de educação, da lei, da religião, de códigos sexuais; De fato, espera-se dela prepara-los para entrar nesse sistema [...] O patriarcado depende que a maternidade aja enquanto uma influência conservadora, que imprima futuros adultos com valores patriarcais ainda nos primeiros anos quando a relação mãe-filho anda parece individual e privada [...] Certamente, isso criou um arquétipo Mãe, que reforça o conservadorismo da maternidade e convertem-na a uma energia que renova o poder masculino<sup>9</sup>(RICH, 1986, P. 61 apud FARIAS, 2021 p. 28, tradução da autora<sup>10</sup>).

<sup>9</sup> Every mother must deliver her children over within a few years of their birth to the patriarchal system of education, of law, of religion, of sexual codes; she is, in fact, expected to prepare them to enter that system.  
 CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880

Para aproximar-se do pagamento dessa dívida abstrata, seria necessário que a filha tomasse para si o papel de agente na perpetuação da visão hegemônica patriarcal, tornando-se como sua mãe. É lógico que não é esse o caminho tomado por todas as mulheres heterossexuais, o que não quer dizer que não exista uma cobrança social pelo casamento, por filhos. Por existir essa expectativa, a boa mãe para a sociedade patriarcal não pode aceitar que sua filha esteja fora desse sistema ao não se relacionar com homens, pois isso denota seu "fracasso" enquanto mãe, levando a uma perda de status. Isso fica claro quando a personagem da mãe, em *Sobre Minha Filha*, realça seu ressentimento e vergonha da filha, seu débito, afinal, não foi paga. O conseqüente embate e afastamento, por sua vez, rompe com o imaginário de incondicionalidade do amor que também foi construído discursivamente durante séculos.

Entendo que instigar algumas reflexões sobre o tema é essencial para construção de uma alteridade enquanto *filha*. As perguntas não se esgotam aqui, ao contrário, crescem e seguram o chão no lugar como raízes. Serão elas que sustentarão a dor de rompimentos, do processo de afirmar autonomia e desfazer-se da expectativa do amor irrestrito. Como seria bonito se ele existisse como prometeram. Não é este o caso, mas também não é a única via e nem a mais bonita. Bell Hooks (2020)<sup>11</sup> já sublinha o quanto o amor é uma ação, não está dado. Assumir essa máxima dentro do seio familiar, desde o colo materno, é um convite também para internalizar o questionamento do quanto o capitalismo interfere no amor, nas máximas sobre o sentimento e na condução das relações como um caminho.

Ao final de *Sobre minha filha*, mãe e filha encontram alguma cumplicidade na partilha de tarefas diárias, reconhecendo-se uma na outra novamente. Não é uma solução para os conflitos, muito menos uma aceitação, que ocorre, mas sim uma nova forma de estabelecer *alguma* relação. Ao mesmo tempo que é necessário que a filha se imponha, ela

---

[...] Patriarchy depends on motherhood to act as a conservative influence, imprinting future adults with patriarchal values even in those early years when the mother-child relationship might seem most individual and private. [...] Certainly it has created images of the archetypal Mother which reinforce the conservatism of motherhood and convert it to an energy for the renewal of male power. (RICH, 1986, P. 61 apud FARIAS, 2021 p. 28)

<sup>10</sup> FARIAS, Ariane Avila Neto de. **Nada é natural na natureza: a construção narrativa do sujeito-mãe na Literatura Brasileira Contemporânea escrita por mulheres**. 2021 .232 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2021.

<sup>11</sup> HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021. 272 p.



não deixa de buscar a mãe e vice versa. Entre o corte do contato e a aceitação completa, existem outras formas de caminhar. A esperança da compreensão funciona como um fio condutor para as relações entre mãe e filha que mantêm ambas ali. Explicar o que move a esperança é uma tarefa ambiciosa demais para este texto, mas acredito que sua resposta está no amor que foi construído pela intenção. Não desejo prescrever como deve ser o amor materno, mas sublinhar que nenhum sentimento, especialmente esse, deve ser regido por um discurso que seja um obstáculo aos laços que foram erguidos e transmitido como uma herança dolorosa para uma filha.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 268 p.
- DAAS, Fatima. **A última filha**. Tradução: Cecília Schuback. 1º. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. 192 p.
- FARIAS, Ariane Avila Neto de. **Nada é natural na natureza: a construção narrativa do sujeito-mãe na Literatura Brasileira Contemporânea escrita por mulheres**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2021, 232 f. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/10400> (Último acesso em: 01/07/2022).
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- HYE-JIN, Kim. **Sobre minha filha**. Tradução: Hyo Jeong Sung. 1º. ed. São Paulo: Fósforo, 2022.
- IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.. São Paulo, 2012. 130 f. Disponível em: <https://instituto gerar.com.br/wp-content/uploads/2017/02/mal-estar-na-maternidade-do-infanticidio-a-funcao-materna.pdf> (Último acesso em: 01/07/2022).





INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rendimento de todas as fontes.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=36796> (Último acesso em: 01/07/2022).

MENDES, Andréa Peres. **Labirinto de cristal: mulheres, carreira e maternidade: uma conciliação possível.** Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. 91 f. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/20561/2/Andr%C3%A9a%20Peres%20Mendes.pdf>.(Último acesso em: 01/07/2022).

TELLES, Lygia Fagundes. **A noite escura e mais eu.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.